

2

Revisão crítica da literatura

Neste capítulo estudamos as diferentes abordagens existentes dos sufixos avaliativos. A primeira delas é a tradicional, que limitou como *aumentativos* e *diminutivos* todas as palavras formadas com *-(z)ão*, *-(z)aço*, *-(z)inho*; a seguinte é a superficial apresentação dos LD's; a terceira, por sua vez, é a abordagem breve porém coerente e densa de Perini (2002) em sua gramática para não-nativos; já a última perspectiva apresentada é a de estudos que levantam novos aspectos dos morfemas avaliativos, em geral ignorados nos materiais didáticos de PL2E e de PLM.

2.1

A abordagem das gramáticas tradicionais

Optamos por analisar duas gramáticas relativamente distantes no tempo, uma de 2004 e outra de 1985, com o intuito de encontrar possíveis diferenças na abordagem dos morfemas avaliativos. Antes de proceder ao estudo, acreditávamos que o trabalho mais moderno fosse nos oferecer uma visão mais aprimorada e atual do tópico. O que encontramos, entretanto, foi uma grande similitude entre as duas gramáticas.

2.1.1

Moderna gramática portuguesa (Bechara, 2004)

Bechara (2004, p.140), ao expor as formas e funções dos substantivos, aponta que estes “apresentam-se com sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais: *homem*; *homenzarrão*; *homenzinho*”. O autor conclui tal explicação enfatizando que esse processo não se dá de forma sistemática, coerente e obrigatória, o que o caracteriza como derivação, e não flexão, como propõe a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira).

Em seguida, afirma que

fora da idéia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte: *poetastro*, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho* (*ib.*, p.141).

Nesses casos, diz o autor, os substantivos estão em sentido pejorativo. É curioso observar que o último exemplo é a sufixação derivacional de um pronome, e não de um substantivo, e que formas como *poetastro* e *politicalho* poderiam ser substituídas por outras que estão mais presentes no uso atual do português. Já a idéia de pequenez, explica ele, associa-se “facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases lexicais: *paizinho*, *mãezinha*, *queridinha*”. Também aqui cabe ressaltar outro ponto: é certo que *queridinha* associa-se mais ao sentido pejorativo e irônico que ao de carinho, como afirma o autor. Além disso, acrescentemos a influência da entonação sobre o sentido, afinal ela pode imprimir um “ar” pejorativo, carinhoso ou irônico etc. às palavras.

Em sua descrição dos advérbios, o gramático (*ib.*, p.295) assim caracteriza as formas de intensificação dessa classe: “em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem: *andar devagarzinho*; *acordava cedinho*; *saiu agorinha*”, e explica que “o diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação: *vá depressinha*; *estudes devagarinho*” (*ib.*). Neste ponto, o acréscimo de *-(z)ão* a alguns advérbios para ênfase do sentido que carregam, como em *cedão*, *tardão*, *malzão*, *benzão*, *rapidão* e outros, igualmente característicos de uma “linguagem familiar” e muito presentes na fala cotidiana, mereceria um apontamento.

Mais adiante em sua obra, ao tratar da derivação sufixal, Bechara (*ib.*, p.361) lista o que considera “os principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos”, todos com um exemplo de uso no nível do vocábulo (por exemplo, “*-ão*, *-zão*: *cadeirão*, *homenzão*”), observando apenas, no início da listagem, que “muitas vezes [são] tomados pejorativa ou afetivamente”.

2.1.2

Nova gramática do português contemporâneo (Cunha e Cintra, 1985)

Cunha e Cintra (1985, p.88), no tópico sobre derivação sufixal, apresentam os sufixos avaliativos como sufixos nominais, apontando que “[seu] valor é mais afetivo do que lógico”. Em primeiro lugar, os autores (*ib.*) listam o que denominam como os “principais sufixos aumentativos” (muitos improdutivos no português moderno, como *-arro*, de *bebarro*, e *-astro*, de *medicastro*) e observam que nem sempre se juntam ao radical de um substantivo, mas também ao de um adjetivo (*ricaço*, de *rico*; *sabichão*, de *sábio*) ou mesmo ao de um verbo (*chorão*, de *chorar*; *mandão*, de *mandar*), apesar de serem classificados como sufixos nominais.

Em seguida, os autores (*ib.*, pp.88-9) abordam o valor e o emprego de cada afixo listado. O sufixo *-ão* é apontado como o principal formador dos chamados “aumentativos” em português. Explicam, então, de que maneira ele é acrescido às palavras e advertem-nos de um importante ponto relacionado à sua formação:

nos aumentativos em *-ão*, o gênero normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante é feminina. Assim: *a parede* – *o paredão*; *uma mulher* – *um mulherão*. Só os adjetivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados: *solteirão* – *solteirona*; *chorão* – *chorona*.

Concluída a apresentação do que denominam como “sufixos aumentativos”, Cunha e Cintra (*ib.*, pp.90-1) partem para os ditos “diminutivos”, listando os principais afixos desse tipo (como *-acho*, de *populacho*, *-ebre*, de *casebre*, e *-elho*, de *artiguelho*) e abordando igualmente o valor e emprego de cada um. Quanto àquele que nos interessa, *-(z)inho*, os gramáticos afirmam que se junta tanto a substantivos e adjetivos quanto a advérbios e outras palavras invariáveis, sendo o caso de *agorinha*, *devagarinho*, *sozinho* e *adeusinho*. Ao contrário das formas em *-(z)ão*, as formas em *-(z)inho* conservam o gênero da palavra derivante¹: *casa* – *casinha*; *cão* – *cãozinho*. Outro ponto ressaltado pelos autores (*ib.*, p.92) diz respeito às formações coloquiais em que o sufixo *-(z)inho* é

¹ Entretanto, em formações com outros sufixos avaliativos, como *ilha* – *ilhote* – *ilhéu* e *chuva* – *chuvisco*, observam os autores (*ib.*), é comum a alteração do gênero.

acrescido a participípios: “caso estes sejam irregulares, tornam-se regulares. Por exemplo: *esse dinheiro foi bem ganhadinho e bem gastadinho por mim*” (ib.). Podemos acrescentar também o uso muito freqüente de *lembradinha*: *vou te dar uma lembradinha*.

Para concluir esse tópico, os gramáticos (ib.) expõem os sufixos que formam os intitulados “diminutivos eruditos”, listando exemplos como *corpo – corpúsculo*, *febre – febrícula* e *globo – glóbulo*, entre outros. Além disso, em outra seção, abordam (ib., 192) as formas avaliativas dos substantivos como “grau aumentativo” e “grau diminutivo”, respectivamente, explicando que o primeiro exagera a significação do nome (*chapelão, bocarra*), enquanto o segundo a atenua ou valoriza afetivamente (*chapeuzinho, boquinha*).

Logo em seguida, Cunha e Cintra (ib.) reafirmam resumidamente, sobre o valor dessas formas, que nem sempre indicam aumento ou diminuição de tamanho. Os “aumentativos” em geral “emprestam ao nome as idéias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível”. Já os “diminutivos” imprimem afetividade àquilo que é dito: pode ser a expressão de carinho, saudade, desejo, prazer ou mesmo troça, desprezo, ofensa.

Por fim, ao tratar da gradação dos advérbios, os autores citam o diminutivo com valor superlativo: “na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva, que tem valor de superlativo: *vem cedinho, vem logo que amanheça!*”

2.2

A abordagem dos livros didáticos

A seguir, apresentamos a forma como três diferentes LD’s de português tratam dos sufixos avaliativos. A escolha pelos dois primeiros trabalhos abaixo, o de Ponce, Burim e Florissi (2006) e o de Nicola e Infante (2004), deu-se por conta de serem LD’s recentemente publicados e amplamente utilizados. No entanto, o último trabalho analisado, de Terra e Nicola (1997), foi trazido para que tivéssemos uma visão mais antiga do tratamento dado ao assunto e pudéssemos, assim, comparar com os trabalhos mais novos. Como aconteceu com as GT’s, não encontramos um aprofundamento nem uma visão mais moderna do emprego dos

morfemas avaliativos nos LD's mais modernos. Veremos que os trabalhos de 2006 e o de 1997 apresentam o assunto de forma igualmente superficial. O trabalho de Nicola e Infante (2004), apesar de não se mostrar tão pouco sólido, também não vai muito além do que é apresentado pelas GT's.

2.2.1

Bem-vindo! (Ponce, Burim e Florissi, 2006)

O *Bem-vindo!* (Ponce, Burim e Florissi, 2006), LD de PL2E bastante conhecido e utilizado por quem leciona na área, apresenta os sufixos avaliativos de maneira superficial, explicando que “muitas vezes os aumentativos e diminutivos dão sentido afetivo e carinhoso e outras vezes pejorativo ou irônico” (*ib.*, 72). Conclui-se o tópico com uma lista de sentenças, isoladas umas das outras, em que há utilização dos sufixos avaliativos. Ao lado de cada sentença, é apresentada uma figura que “traduz” o sentido da forma avaliativa usada (ver Figura 1 do Anexo).

2.2.2

Gramática contemporânea da língua portuguesa (Nicola e Infante, 2004)

Já a *Gramática contemporânea da língua portuguesa* (Nicola e Infante, 2004), sendo um LD destinado a estudantes nativos desta língua, vai um pouco mais além. Primeiro, no capítulo referente à estrutura e à formação de palavras, os autores (*ib.*, pp.83-4) apresentam uma listagem de sufixos avaliativos descontextualizados, divididos, como é comum, em “aumentativos”, “diminutivos” e “diminutivos eruditos”, muitos atualmente improdutivos na língua, como *-anzil*, de *corpanzil*, e *-orra*, de *cabeçorra*, além de *-usco*, presente em *velhusco*, e de *-oca*, formador de *sitioca*. No caso dos eruditos listados, alguns exemplos são *-ículo*, de *artículo* e *-úsculo*, de *opúsculo*.

Em seguida, divergindo dessa abordagem estrutural e caminhando em direção a uma perspectiva funcional, citam uma interessante passagem de Lapa (1982, pp.77-8) acerca da estilística desses sufixos, que vale reproduzir:

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns sufixos. Suponhamos esta palavra – *livro*. Vejamos como alguns sufixos a podem modificar sentimentalmente: “lê este *livrinho*: contém preciosas lições”; “o pai repreendeu o filho por ler aquele *livreco*” (...). Vê-se a grande importância dos sufixos na nossa língua. Fomos sempre, em todos os tempos, homens sentimentais e escarnekedores. Os sufixos retratam essa feição dupla e contraditória do nosso temperamento: delicadeza lírica e observação galhofeira e motejadora.

Adiante, ao tratar da flexão dos substantivos, Nicola e Infante (*ib.*, p.157) apontam os sufixos avaliativos como formadores do que chamam de “grau sintético aumentativo ou diminutivo”, como *amigo* – *amigão* – *amiguinho*, observando coerentemente que

na maioria das vezes, usamos os substantivos no aumentativo sintético ou no diminutivo sintético para expressar não uma variação de tamanho, mas uma carga afetiva, ou pejorativa. Por exemplo, falar que tal romance é um *livrinho* agradável ou que Fulano é um *amigão* são formas que expressam juízos de valor, têm conotação afetiva e não podem ser classificadas como flexão de grau (*ip.lit.*, *ib.*).

Concluem a seção, observando que alguns nomes em grau avaliativo adquiriram novo significado, como, por exemplo, *portão*, *cartão* e *folhinha* (calendário), mas não aprofundam a questão.

É importante ressaltar que, ao abordar os adjetivos, os autores (*ib.*) não fazem alusão às suas formas avaliativas, como *bonitão*, *engraçadinho*, *baxinho* etc. No capítulo sobre os advérbios, porém, apontam (*ib.*, p.190) para o acréscimo de *-(z)inho* como forma de intensificar o significado expresso pela base (como em *moro **pertinho** da escola*) ou para imprimir afetividade (por exemplo, *juntinho*).

2.2.3

Gramática, literatura e redação (Terra e Nicola, 1997)

Em outro LD de PLM (Terra e Nicola, 1997), encontramos uma apresentação bastante reducionista das formas avaliativas em *-(z)ão* e *-(z)inho*, que aparecem limitadas à classe dos substantivos. Na seção sobre o grau dos substantivos, os autores (*ib.*, p.44) explicam que estes “podem dar idéia de

aumento ou diminuição”, apresentando-se no “grau aumentativo” ou no “grau diminutivo”, anexando-se a eles os “sufixos indicadores de grau”, como “*meninão* (aumentativo sintético)” e “*menininho* (diminutivo sintético)”.

Observemos que nenhum dos livros analisados citou a possibilidade de acréscimo dos afixos avaliativos a verbos no particípio, o que é tão comum em nossa fala cotidiana, como, por exemplo, *dê uma ligadinha, uma olhadinha, uma passadinha*.

2.3

A abordagem de uma gramática de referência para não-nativos: *Modern Portuguese: a reference grammar* (Perini, 2002)

Em sua *Modern Portuguese: a reference grammar* (2002), elaborada em inglês para estudantes não-nativos do português, Perini (*ib.*, p.560) não chega a aprofundar a questão dos sufixos avaliativos, apenas aponta alguns usos possíveis. O autor (*ib.*) explica que *-(z)ão* expressa basicamente tamanho grande e, em seguida, expõe a regra geral segundo a qual esse sufixo é acrescido aos nomes. Veremos na análise dos dados que “tamanho grande” é apenas um dos diversos sentidos que pode expressar, o que nos leva a questionar a caracterização de *-(z)ão* como *aumentativo*.

Ele (*ib.*) não deixa de afirmar que há muitos outros “sufixos aumentativos”, usados com determinados nomes, como *bocarra*, de *boca*, e também que algumas raízes podem sofrer mudança, como em *rapagão*, de *rapaz*. Isso o leva a concluir que a aprendizagem dos chamados aumentativos do português é uma questão amplamente lexical, apenas em parte aperfeiçoável por regras. Por outro lado, observa o gramático (*ib.*), na língua falada o acréscimo de *-(z)ão* é aceitável a quase todo nome, como, por exemplo, *rapazão* e *bocão*, formas bastante comuns na fala.

Segundo Perini (*ib.*, p.561), da mesma maneira, os sufixos conhecidos como “diminutivos” são muito usados na fala e sua formação não é sempre regular. O mais comum, ressaltado pelo autor (*ib.*), é *-(z)inho*, cujo acréscimo também é possível a um grande número de palavras. Como fez com os ditos aumentativos, expõe as regras de formação das palavras em *-(z)inho* e esclarece,

enfim, que tanto uma forma quanto a outra têm inúmeros significados secundários, além desse que expressa tamanho. Para os chamados diminutivos, por exemplo, há uma tendência geral em expressar afeto, como em *meu **benzinho**, vou buscar um **sorvetinho** para você*.

Em seguida, o gramático (*ib.*, p.562) traz à baila o uso desses sufixos acrescidos a adjetivos. O primeiro uso diz respeito ao *-(z)inho*, que freqüentemente expressa intensificação ou ênfase de uma qualidade: *o cachorro estava **quietinho**; meu pé ficou **geladinho***. Em contraposição, acrescido a outros nomes, atenua a qualidade expressa: *o barco dele é **grandinho***. O *-(z)ão* também pode expressar intensificação da qualidade: *meu pé ficou **quentão***. Além disso, quando acrescido a nomes referentes, esse sufixo pode expressar apreciação da qualidade: *o Amaro é um **professorzão***.

Perini (*ib.*) conclui o item acerca dos afixos avaliativos, falando da complexidade do tópico e da necessidade de o estudarmos mais profundamente.

2.4

Novas perspectivas

Os trabalhos apresentados em seguida mostram novos aspectos dos sufixos *-(z)ão*, *-(z)aço* e *-(z)inho*, com que os LD's e as GT's não lidam. Perceberemos a importância de trazer à tona tais aspectos, pois eles tornam muito mais clara, coerente e interessante a utilização dos morfemas em questão.

2.4.1

Rocha, 1998

Segundo Rocha,

[o morfema *-(z)inho*] é empregado na língua não só para indicar diminuição de tamanho, como também para expressar a emoção ou a afetividade que o falante coloca em seu discurso (...). A afetividade está sempre presente na sufixação gradual, ao passo que a noção de tamanho pode estar presente ou não. (1998, pp.197-8)

O autor (*ib.*) cita Rosa (1982, p.20, grifo nosso), quando diz que “o grau manifesto por meio de um processo morfológico revela *necessariamente*

emotividade”. Ora, por que então nomear esses sufixos com uma noção lhes é secundária? Já que “a questão da afetividade é anterior ao aumento ou diminuição de tamanho” (Rocha, 1998, p.198), o autor generaliza e propõe o termo *sufixo avaliativo*, que adotamos neste trabalho.

Ao analisar os dados, procuraremos pôr à prova a terminologia tradicional – *grau aumentativo/diminutivo* e *sufixo aumentativo/diminutivo* –, mostrando que a proposta de Rocha (*ib.*) – *grau avaliativo* e *sufixo avaliativo* – é mais coerente e deveria, portanto, ser tomada como padrão para o ensino do tópico.

2.4.2

Barreiro, Pereira e Santos, 1993

Barreiro, Pereira e Santos (1993, p.10) atestam que, na língua portuguesa, os sufixos avaliativos são muito utilizados, e com variadas funções. Segundo as autoras (*ib.*), são inumeráveis as palavras que aceitam o morfema *-(z)inho*. Marcadoras de informalidade e expressividade, essas formas são muito expressivas. Quanto ao morfema *-(z)ão*, ressaltam que, “embora usados muito menos freqüentemente, têm também um papel de relevo, na medida em que existe um número considerável de palavras que os aceitam” (*ib.*).

Por conta de terem valor mais afetivo do que lógico, como vimos em Cunha e Cintra (1985, p.88), as lingüistas (1993, p.10) explicam que não há critérios rígidos para a formação de vocábulos com sufixos avaliativos. Assim, “estas palavras muito raramente fazem parte da lista de entradas lexicais de um dicionário normal” (*ib.*). Tal afirmação nos remete a Perini (2002, p.560), quando ressalta que a aprendizagem dos ditos “aumentativos” e “diminutivos” é essencialmente lexical, “apenas em parte aperfeiçoável por regras”.

2.4.3

Basilio, 2008

Basilio (2008) dedica um capítulo de seu livro sobre formação e classes de palavras no português do Brasil à sufixação sem mudança de classe, dentro da qual se enquadram as formas avaliativas em *-(z)ão* e *-(z)inho*. Ela começa

explicando que “chamamos de gradação o processo de expressar na estrutura lingüística o grau de intensidade de uma qualidade ou da dimensão de um objeto” (*ib.*, p.67). A lingüista (*ib.*) também afirma que esse grau pode ser expresso tanto sintática quanto morfológicamente, sendo que nos interessa apenas a expressão morfológica de grau, isto é, o uso de sufixos avaliativos.

É levantada, então, a problemática do tipo de processo que constituem as formações em questão, o que é relevante ressaltar, embora o foco de nosso trabalho seja menos o aspecto morfológico que o funcional:

Na NGB, o grau é considerado como flexão, sobretudo por influência da gramática clássica. De acordo com o critério clássico, o grau seria uma categoria gramatical, na medida em que expressaria um significado accidental. Entretanto, a maior parte dos gramáticos hoje em dia tende a considerar o grau como derivação, dado que a expressão do grau não se correlaciona a mecanismos gramaticais. (*ib.*)

Segundo Basilio (*ib.*), o grau pode exercer, no português, duas funções, a expressiva e a denotativa, e três manifestações, chamadas tradicionalmente de aumentativo, diminutivo e superlativo. A função expressiva do sufixo *-(z)ão* é demonstrar o impacto da dimensão (por exemplo, em *cachorrão*), a excelência (como em *professorzão*) ou a intensidade (como em *grandão*) do que é expresso pela base (*ib.*, p.68). Ela observa que esse afixo, “embora mais diretamente ligado ao substantivo, também pode ser usado com adjetivos, caso em que o grau corresponde a uma medida de intensidade” (*ib.*), como em *valentão*, *gordão* e *bobão*.

Já a função denotativa do *-(z)ão* é “designar um novo objeto, relacionado porém distinto do que é denotado pela base, e caracterizado como de grande dimensão” (*ib.*), como em *varandão*, *calçadão* e *almofadão*, o que nos leva às palavras de Rocha, ao levantar a seguinte questão: “quando usamos um substantivo no grau aumentativo ou diminutivo, estamos apenas flexionando o substantivo ou fazendo derivar um novo item lexical? Trata-se da mesma palavra ou de uma palavra distinta?” (1998, p.197).

Basilio (2008, p.69) aponta que pode haver ambigüidade entre a função denotativa e a expressiva, como, por exemplo, nas seguintes sentenças:

- (I) *A casa da minha avó tinha um varandão imenso.*
- (II) *Estou procurando um apartamento de três quartos com varandão.*

No primeiro caso, explica ela (*ib.*), *varandão* pode estar exercendo tanto a função expressiva (relacionada à dimensão da varanda) quanto a denotativa (denotando um tipo específico de varanda grande). Na segunda sentença, por outro lado, *varandão* apenas designa um tipo de varanda grande. A autora (*ib.*) então observa que embora exista tal ambiguidade, há um fator morfológico que a dissolve:

o aumentativo denotativo é feito pelo sufixo *-ão* e é masculino e invariável. Já o aumentativo expressivo apresenta duas possibilidades no caso de palavras do gênero feminino: manter o gênero feminino, formando o aumentativo com a forma feminina *-ona*; ou usar *-ão*, caso em que a forma no aumentativo passa a ter gênero masculino.

Antes de entrar nos denominados “diminutivos”, ela menciona o uso do sufixo *-(z)aço*, que é também utilizado como avaliativo, expressando principalmente a excelência do significado básico, como, por exemplo, em *golaço* e *filmaço*.

Acerca do grau avaliativo em *-(z)inho*, afirma que “em geral é definido em termos de diminuição concreta de tamanho, mas também apresenta abrangência maior, indicando diminuição avaliativa, ou depreciação” (*ib.*, p.70). Como no caso do avaliativo em *-(z)ão*, também pode assumir função denotativa ou expressiva. Na primeira, o referente é apresentado como pequeno, enquanto na segunda, o sufixo imprime afetividade ou depreciação.

A lingüista ressalta que esse sufixo também exerce outras funções, de caráter discursivo. Uma delas é a de atenuar, como vemos em *lembrancinha*, *visitinha* e *minutinho*. Outra é a de demonstrar o afeto do falante pelo objeto, como em *cineminha* e *cervejinha*. Esse mesmo afeto também pode se referir ao interlocutor, “caso em que a utilização do diminutivo pode marcar o discurso inteiro como discurso afetivo” (*ib.*, 71), o que é comum na fala com crianças e entre casais.

2.4.4 Fernandes, 2008

Fernandes (2008), em sua pesquisa sobre os diferentes significados que cada forma em *-ão* pode assumir de acordo com o contexto, afirma que um aprendiz de

PL2, “vindo de uma cultura diferente (...), certamente estranhará o ‘deboche’ ou a ‘intimidade’ que [certas] formas no aumentativo podem significar” (*ib.*, p.5). Após analisar os trabalhos de Bechara (1999), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (2007), a autora ratifica nossa afirmação de que a abordagem das GT’s acerca dos avaliativos poderia ser mais profunda. Em suas palavras, “de um modo geral, os aumentativos são tratados de forma muito superficial nas GT’s” (*ib.*, p.7).

2.4.5 Araújo, 2008

Araújo (2008, p.51), em seu artigo sobre questões discursivas no aprendizado de português por falantes de espanhol, apresenta como um de seus dados a narrativa de um aluno acerca do emprego inadequado que fez do sufixo *-inho* ao dizer a algumas meninas que elas estavam *bonitinhas* e perceber que não gostaram do comentário. A autora afirma que

a dificuldade que o aluno encontra não está na própria língua – se esta for vista apenas estruturalmente, como a gramática a focaliza – já que realiza a formação perfeita do diminutivo de *bonito* (...). A dificuldade do uso surge, justamente, pelo fato de a língua não ser transparente (...). O efeito de sentido da palavra *bonitinho* não é evidente para um sujeito que não está inserido dentro de determinada memória discursiva e não conhece sua condição de produção; sabemos que acreditar que os sentidos são literais é ilusório. (*ib.*)

Ao ser questionado a respeito dos sentidos do avaliativo *-inho* em sua língua, o aluno afirmou não conhecer usos que desqualificassem as pessoas. Com isso, a lingüista cita Orlandi quando se refere

a memórias e a circunstâncias que mostram que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos. (Orlandi, 1999, p.30)

2.4.6 Alves, 2006

Somente em Alves (2006) encontramos uma caracterização mais ampla dos sufixos avaliativos, que correlaciona contexto global, forma e significado. Em seu estudo sobre o afixo *-(z)inho*, a autora (*ib.*, p.694) afirma:

procura-se restituir à morfologia o devido lugar na expressão de noções semânticas e funcionais. Já que se trata de recursos morfológicos – e estes só se aplicam no nível da palavra –, pretende-se comprovar que essa unidade lingüística também pode ser alvo da expressão de realidades pragmáticas e discursivas, além de semânticas e morfossintáticas. (*ib.*)

Ela (*ib.*) observa, então, o que constatamos nos trabalhos analisados: é unânime a afirmação de que o sufixo *-(z)inho* expressa diversos valores, como afetividade e avaliação, e não somente a noção de tamanho reduzido.

Noções semânticas, pragmáticas e discursivas podem ser codificadas de duas formas, como explica a lingüista (*ib.*, p.696): “ou por meios gramaticais (os chamados operadores) ou por meios lexicais (os modificadores)”. No português, há essas duas possibilidades para a categoria de intensificação: o operador *-(z)inho* que se junta a um núcleo e o modifica (como na expressão sintética *casinha* = *casa* + *-inho*), e o modificador, que o faz na forma de um adjetivo (como na expressão analítica *casa pequena* ou *pequena casa*).

Percebemos, com isso, que há restrições sintáticas no nível da palavra, refletidas na ordem fixa lexema-sufixo, o que não ocorre no nível do sintagma, em que há a possibilidade de antepor o lexema *adjetivo* ao lexema *nome*. A autora (*ib.*) ressalta que “essa alteração da ordem canônica N + Adj para Adj + N, no sintagma do português, baseia-se em fatores pragmáticos de focalização e ênfase e se reflete na estruturação, além de apresentar sutis alterações semânticas”. No entanto, “o sufixo *-(z)inho* exclui a influência sintática, por ser do nível da palavra, e se restringe aos valores provenientes do sufixo de intensificação” (*ib.*). Segundo Alves (*ib.*, p.697), embora a unidade *palavra* seja, em relação às unidades *sintagma*, *oração* e *texto*, menos receptível para a expressão de sentidos dentro do discurso, fatores pragmáticos e ilocucionários também atuam nela, por meio de elementos morfossintáticos, como o sufixo em xequê.

A autora (*ib.*) propõe haver particularidades no uso desse afixo que oferecem pistas para uma sistematização constituída de três diferentes morfemas: *-(z)inho*¹, *-(z)inho*² e *-(z)inho*³. Em suas palavras,

dentro do contínuo de manifestações lingüísticas em torno do *-(z)inho*, há uma seleção funcional, quer dizer, uma seleção dos primitivos (lexemas e sufixo) sob condições e propósitos distintos que se expressam em função de fatores cognitivos e de ilocução. (*ib.*, p.698)

Antes de sistematizar os possíveis usos do *-(z)inho* conforme seus valores funcionais, Alves (*ib.*) lembra que a Gramática Funcional do Discurso (Hengeveld, 2004 e 2005, e Hengeveld e Mackenzie, no prelo), na qual seu trabalho se fundamenta, relaciona os componentes não-lingüísticos ao elemento gramatical na medida em que suas influências agem, de alguma maneira, na codificação, ou seja, na expressão estrutural. A seguir, apresentamos o agrupamento desenvolvido pela lingüista, com grifos e adaptações nossos (tabela original: Figura 2 do Anexo):

Expressão representacional	Expressão de ilocução
<i>-(z)inho</i> ¹	<i>-(z)inho</i> ² e <i>-(z)inho</i> ³
ex.: <i>casinha; novinha; peixinho</i>	ex.: <i>Joãozinho; benzinho; unzinho; tchauzinho; obrigadinha; um minutinho</i>
propriedade inerente	propriedade atribuída
valor semântico: operador de intensificação	valor pragmático: operadores de subjetividade, afetividade, avaliação, mitigação, crítica...
operador no nível da palavra (nível representacional)	operador no nível do Ato do Discurso (nível interpessoal)
categoria de base: N, Adj	sem restrição de categoria de base
função: modificação de núcleos substantivos e adjetivais	função: estratégias comunicativas , por meio de modificação interpessoal
entonação neutra	entonação marcada

	-(z)inho ²	-(z)inho ³
	ex.: <i>Joãozinho</i> ; <i>benzinho</i> ; <i>unzinho</i>	ex.: <i>tchauzinho</i> ; <i>obrigadinha</i> ; <i>um minutinho</i>
	avaliação / julgamento do falante frente à entidade: tamanho, valor, afetividade, desprezo	avaliação / julgamento frente à situação comunicativa e ao ouvinte: ironia, polidez, mitigação e outros

Apesar da clareza e da lógica dessa sistematização de Alves (*ib.*), sentimos falta da contextualização dos exemplos, afinal a autora se baseia na GFD, que considera fortemente o discurso na análise da gramática. Tanto a expressão representacional quanto a de ilocução podem se dar por meio do acréscimo de -(z)inho a um nome ou a adjetivo. Como então, saber se, por exemplo, *Joãozinho* refere-se a *pequeno João* (expressão representacional) ou se é uma forma carinhosa de chamar o *João* (expressão de ilocução)? Só o contexto poderia nos dizer.

Na expressão do valor funcional de intensificação, a autora (*ib.*, 700) observa que é possível haver um apagamento tal dos valores semânticos de origem que, em alguns casos, desprezo ou crítica podem ser expressos tanto pelo sufixo -(z)inho quanto pelo -(z)ão. É o caso de *bobão* e *bobinho*, pois ambos indicam avaliação, o que legitima o postulado de uma supercategoria de intensificação.

Em suma, o estudo de Alves (*ib.*) organiza os usos do sufixo -(z)inho seguindo padrões funcionalistas, de acordo com valores semânticos e valores pragmáticos. O fenômeno lingüístico analisado é, como vimos, tanto lexical e gramatical quanto discursivo, beneficiando-se de fatores extra-lingüísticos, como os interlocutores e a situação comunicativa. Tal análise do morfema -(z)inho confirma que o Ato do Discurso se realiza tanto em unidades maiores, como *texto*, *episódio* e *oração*, quanto na unidade menor, *palavra*.

Por fim, a autora (*ib.*) justifica “a distinção entre três sufixos de *-(z)inho* por sua diversidade funcional e discursiva e pela consideração da língua falada, com o fim de propiciar uma descrição adequada da língua portuguesa em uso”.